

# FH soma o que fez e os mistérios da vida

Ex-presidente lança livro no Rio e fala com franqueza sobre temas que o inquietam ainda hoje



Chico Otavio

chico@oglobo.com.br

• O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ao lançar no Rio “A soma e o resto — um olhar sobre a vida aos 80 anos”, recomendou, brincando, que seu mais recente livro seja lido antes de dormir, porque “dormir-se logo, dá sono”. Mas o que se viu na noite de anteontem, em mais um encontro da série “Prosa nas Livrarias”, do caderno “Prosa & Verso” do GLOBO, foi um público atento e comovido com a franqueza do autor. A audiência lotou a livraria Cultura do Fashion Mall, em São Conrado, para ouvir Fernando Henrique

dizer que, em vez de buscar explicações sobre os mistérios da vida, como a existência de Deus e a origem do universo, prefere admitir que nada sabe sobre o tema. Também contou que, como o julgamento de um político depende do momento, podendo mudar ao sabor da História, já se considera feliz ao não ser vaiado nas ruas pelo que fez.

Durante quase duas horas, o ex-presidente temperou com humor a conversa com os colunistas Míriam Leitão e Merval Pereira, mediada pela editora de País do GLOBO, Silvia Fonseca. Resultado de dez horas de conversas com Miguel Darcy de Oliveira, gravadas nas semanas que antecederam a celebração de seus 80 anos, em junho, “A soma e o resto” não é um livro de memórias, mas a visão espontânea de Fernando Henrique sobre temas diversos, como a

espiritualidade, o sentido da vida, a morte, as influências que sofreu e, é claro, a experiência acumulada como homem público.

Quem esteve na livraria sentiu-se interlocutor do ex-presidente em bate-papo informal, sem os cuidados que caracterizam os homens públicos. Fernando Henrique não deixou perguntas sem respostas. Porém, mostrou-se mais à vontade quando a conversa avançou para campos distantes e menos pesados do que os mundos da política e da economia:

— Não se explica o sentido da vida, a origem do universo, nada. É uma zona ampla de mistério. É uma petulância ter a pretensão de dizer “Oh! Eu sei e posso explicar”. Não sei. Como posso dizer que Deus não existe? Não posso. Não se pode provar nem uma coisa e nem outra. Os filósofos levaram a vida inteira para

explicar a existência de Deus. Outros quiseram provar a inexistência. Não conseguiram.

Aos 80 anos, o ex-presidente disse que é preciso dar espaço ao desconhecido, ao mistério e ao inesperado. Para ele, é mais honesto dizer “eu não sei” do que apresentar uma explicação racional para tudo.

— Além do mais, o ser humano vive uma angústia permanente: você vai morrer. Todos nós vamos morrer. Ainda bem. Deve ser terrível ser muito velho. Já estou me sentindo um pouco — brincou.

Depois de ouvir um “oh!” da plateia ao garantir, mais uma vez, que não tem mais pretensões políticas, Fernando Henrique disse que as pessoas precisam inventar um sentido para a vida:

— Ninguém nasceu para acreditar nisso ou naquilo. Tem de buscar,

tem de ter valores, criar algo que você acredite, lute por ele. No fundo, cada um de nós, na nossa angústia existencial, está procurando algum sentido. Se a pessoa resolver ficar reclusa, rezando, encontrou algum sentido. Mas não é o meu caso. Quem sabe no futuro.

No momento da conversa em que abordou a carreira, o autor apelou à sociologia. Disse que construiu a sua trajetória tentando entender os “feitos corporativos”, olhando para o conjunto:

— Eu me dediquei e paguei preço. Quem está na chuva é para se molhar. O que você faz não depende só do que você faz, mas como os outros reagem. Você é responsável até pelo que ele não quis fazer. Para o político de peso, o que vale é o julgamento da História. Mas isso muda. A História depende do momen-



Carlos Ivan

FERNANDO HENRIQUE, ao lado de jornalistas do GLOBO, no debate sobre seu mais recente livro, que lotou a livraria num shopping do Rio

to. Valoriza e desvaloriza. Então, é melhor, sem se preocupar muito com o grande sentido, pelo menos ter a alegria de ver que, no momento que você está vivendo, as pessoas não estão te vaiando o tempo todo.

O ex-presidente, que autografou exemplares após a conversa, desencorajou os leitores que esperam do livro detalhes mais aprofundados sobre sua vida pessoal. Ele lamentou fenômenos de hoje como a banalização da vida pessoal e a transformação de tudo em propaganda.

— O livro não é pretensioso, mas uma conversa entre amigos. Não falei do que fiz, mas o que sinto. Não gosto de memórias. É raro falar de coisas pessoais. Tem de haver uma reserva de privacidade, apesar de, no mundo de hoje, ser tudo exposto. Não é que exista uma coisa feia que não pode ser contada. Só não acho que vida pública signifique a exposição de si mesmo.

O político Fernando Henrique não passou em branco na

noite de autógrafos. Ele falou da crise europeia, da sua visão sobre as drogas e das queimadas no Brasil. Brincou sobre a luta interna no PSDB e disse que, indagado com frequência se o Brasil será uma das maiores economias do planeta, costuma responder que o problema não é esse:

— A questão é saber se somos uma sociedade decente, de valores. Não basta somente crescer. É preciso melhorar a vida das pessoas e acreditar em alguma coisa.

Mas a noite não era para debates pesados. E terminou com mais risos e aplausos do público.

— Não faço nada contrário aos meus sentimentos, ao meu impulso, à minha crença. (Faço) Um ou outro desviozinho, mas com a permissão de quem tem noção do mundo — brincou. O livro foi lançado pela editora Civilização Brasileira.